



Revista **Rangedor**


al.ma.leg.br

Publicação trimestral produzida pela Diretoria de Comunicação da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão • Outubro 2017 - Ano I - Nº 01

 Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão

 TV e Rádio Assembleia Maranhão

 @aL_maranhao

 @assembleialema

 youtube.com/2012alema

 youtube.com/agenciaalema

Um novo espaço de lazer para São Luís

Parque Estadual do Sítio Rangedor





MESA DIRETORA PARA O SEGUNDO BIÊNIO DA 18ª LEGISLATURA

(1º DE FEVEREIRO DE 2017 ATÉ 31 DE JANEIRO DE 2019)

Presidente: Humberto Coutinho (PDT)

1º Vice-presidente: Othelino Neto (PCdoB)

2º Vice-presidente: Fábio Macedo (PDT)

3º Vice-presidente: Josimar de Maranhãozinho (PR)

4º Vice-presidente: Adriano Sarney (PV)

1º Secretário: Ricardo Rios (PEN)

2º Secretário: Stênio Rezende (PMB)

3º Secretário: Zé Inácio (PT)

4º Secretário: Nina Melo (PMDB)

Editorial

Para conhecer o Maranhão, é preciso conhecer seu povo, suas múltiplas manifestações sociais, culturais, religiosas e folclóricas.

Da Festa do Divino aos fervorosos devotos de São Raimundo dos Mulundus. O vibrante ritmo do terecô à secular festa da menina moça dos guajajara. Das cascas do mastro de São Sebastião à imensa devoção do nosso santo padroeiro, São José de Ribamar.

Tudo isso é o Maranhão!

Também é Maranhão o sabor indescritível do abacaxi de Turiaçu ao doce divino de espécie. O som da tarde de frente para a baía de São Marcos, tendo ao lado o majestoso Palácio dos Leões. O Maranhão é feito de som, cores, leveza, sabores. De uma gente que é para ser mostrada, louvada, cantada e admirada.

Com este propósito, a Diretoria de Comunicação da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão lança a Revista Rangedor, que a cada três meses vai contar, mostrar e louvar a história, a beleza e a vida de cada pedaço do Maranhão e do seu povo.

E uma parte linda desta terra que se chama Maranhão vai se tornar ainda mais espetacular com a construção do Parque Estadual do Rangedor, um novo 'point' onde todos os maranhenses poderão sentir, cada vez, mais orgulho desta terra maravilhosa.

Aproveite e saboreie sua nova revista, 'pikeno' Afinal, o nosso maranhês não é 'ralado' 'Te Alui... Éééguas'!

Carlos Alberto Ferreira

Diretor de Comunicação da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão

Deputados Estaduais das Legislaturas 2015/2017 • 2017/2019



ADRIANO SARNEY
(PV)



ALEXANDRE ALMEIDA
(PSD) - LICENCIADO



ANA DO GÁS
(PCdoB)



ANDREA MURAD
(PMDB)



ANTÔNIO PEREIRA
(DEM)



BIRA DO PINDARÉ
(PSB)



CABO CAMPOS
(DEM)



CARLINHOS
FLORÊNCIO - (PHS)



CÉSAR PIRES
(PEN)



DR. LEVI PONTES
(PCdoB)



EDILÁZIO JÚNIOR
(PV)



EDIVALDO HOLANDA
(PTC) - LICENCIADO



EDSON ARAÚJO
(PSB)



EDUARDO BRAIDE
(PMN)



FÁBIO BRAGA
(SD)

Deputados Estaduais das Legis



FÁBIO MACEDO
(PDT)



FRANCISCA PRIMO
(PCdoB)



GLALBERT CUTRIM
(PDT)



GRAÇA PAZ
(PSL)



HEMETÉRIO WEBA
(PV)



HUMBERTO
COUTINHO - (PDT)



JOSIMAR DE
MARANHÃOZINHO-(PR)



JÚNIOR VERDE
(PRB)



LÉO CUNHA
(PSC)



MARCOS CALDAS
(PSDB)



MAX BARROS
(PRP)



NETO EVANGELISTA
(PSDB) - LICENCIADO



NINA MELO
(PMDB)



OTHELINO NETO
(PCdoB)



PAULO NETO
(PSDC)

laturas 2015/2017 • 2017/2019



Professor MARCO
AURÉLIO - (PCdoB)



RAFAEL LEITOA
(PDT)



RAIMUNDO CUTRIM
(PCdoB)



RICARDO RIOS
(SD)



RIGO TELES
(PV)



ROBERTO COSTA
(PMDB)



ROGÉRIO CAFETEIRA
(PSB)



SÉRGIO FROTA
(PSDB)



SOUSA NETO
(PROS)



STENIO REZENDE
(DEM)



TOCA SERRA
(PTC)



VALÉRIA MACEDO
(PDT)



VINÍCIUS LOURO
(PR)



WELLINGTON DO
CURSO - (PP)



ZÉ INÁCIO
(PT)

ÉGUAS, DOIDO!

Confira as gírias que são a cara do Maranhão

Andressa Valadares

Cada região tem o seu jeito peculiar de falar. São gírias e expressões que, a depender da localidade, podem possuir inúmeros significados. No Maranhão, não poderia ser diferente. Os nascidos nessa terra têm um jeito próprio de se comunicar. É um dialeto que pode variar nos 217 municípios do estado. Mas, existem os pontos em comum e, por aqui, todo mundo se entende.

O turista, quando chega, pode estranhar ou até mesmo achar engraçado o uso de algumas expressões no cotidiano dos maranhenses. Por isso, separamos uma lista com algumas das palavras e vocativos mais utilizados no típico "maranhês".

Amostrar(se) – Exibir-se (pessoa). Ex: Fulano gosta muito é de se amostrar.

Aziar – Não gostar mais, abusar, sem empolgação;

Aculá – Algum lugar;

Banhar – Por incrível que pareça, a forma é correta, mas só no Maranhão se usa o verbo banhar;

Bucado – É a mesma coisa que "muitos" "vários";

Brocado – Com muita fome;

Caçar conversa – O mesmo que "Tomar gosto";

Canhenga – Pão duro;

Cerôte – Mesmo que menino sujo (Ex: Menino, passa e vai banhar para tirar esse cerôte do suvaco);

Qualira – O mesmo que gay;

ÉÉÉÉÉÉguas! – Noooooooooossa!;

Esparroso – Que chama muita atenção;

Fuleiragem – O mesmo que sacanagem. Depende do contexto;

Gaiato – Mesmo que engraçado, gozado;

Mala – Uma espécie de ladrão = assaltante. A expressão também pode significar alguém esperto;

Marrapá – Junção de "mas rapaz", que pode significar com certeza!;

Mermã(ão) – Junções de expressões como "minha irmã", "meu irmão";

Paricêru – Expressão utilizada para denotar descontentamento perante alguma ação de uma pessoa, quando no caso o "descontente" se considere superior;

Pequeno(a) – Vocativo que pode ser utilizado para chamar a atenção de alguém;

Ralado – Sem graça;

Te alui – Presta atenção.



PARQUE ESTADUAL DO SÍTIO RANGEDOR

Governo do Estado começa a construir, em São Luís, mais um espaço para práticas esportivas, agregando lazer e preservação ambiental

José Ribamar Santana | Fotos: Neubert Vennor

Praças, ciclovias, playgrounds, academia ao ar livre, quadras poliesportivas, pista de caminhadas, campo de beach soccer. Tudo isso reunido em um só espaço público para a prática de esporte e lazer, sem poluição e cercado de árvores nativas, riachos, fauna e flora preservadas.

O antigo sonho da população de São Luís de ter um parque com todos esses atrativos, que atenda às necessidades dos moradores de vários bairros e do Centro da capital, está prestes a se tornar realidade.

O governador Flávio Dino (PC do B), juntamente com o secretário de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais, Marcelo Coe-

lho, e a empresa Gomes Sodré, assinaram, no dia 22 de setembro, a ordem de serviço para a construção do Parque Estadual do Sítio do Rangedor.

A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais (SEMA) é a responsável pela execução da obra, que tem investimento previsto de R\$ 19 milhões.

ATRATIVOS DO PARQUE

- Três praças grandes e quatro intermediárias
- Dois estacionamentos
- Pista de caminhada
- Ciclovía
- Trilhas naturais
- Playgrounds
- Academias ao ar livre
- Quadras poliesportivas
- Campo de beach soccer oficial
- Espaços de convivência
- Lagoa

EXTENSÃO DO PARQUE

126 hectares

EXECUTOR DA OBRA

- Secretaria de Estado do Meio Ambiente

VALOR DA OBRA

Investimento previsto de R\$ 19 milhões

PREVISÃO DE CONCLUSÃO

Junho de 2018





“O parque se transformará em mais um espaço destinado ao lazer e ao esporte, e vai proporcionar bem-estar e qualidade de vida à população da capital.”

Flávio Dino

Governador do Estado

“Nosso objetivo é diminuir a depredação da área. É uma forma de sensibilizar a população para cuidar desse bem e respeitá-lo. Vamos fazer toda a recuperação da sua área central.”

Marcelo Coelho

Secretário de Estado do Meio Ambiente



DE ESTAÇÃO ECOLÓGICA PARA PARQUE AMBIENTAL

A Estação Ecológica do Sítio do Rangedor foi criada por meio do Decreto nº 21.797, de 15 de dezembro de 2005. Em 11 de maio de 2017, a Assembleia Legislativa aprovou o Projeto de Lei nº 321/2015, de iniciativa do Poder Executivo, que após sancionado, se tornou a Lei nº 10.455/2016, elevando a Estação à condição de Parque Estadual Sítio do Rangedor.

A alteração de Estação Ecológica para Parque Estadual do Rangedor favorece a intervenção em suas áreas degradadas, passando a integrar a categoria de unidade de proteção integral, ou seja, virou um Parque Ambiental, conforme o previsto na Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000.

Segundo Marcelo Coelho, o Parque Estadu-


al do Sítio do Rangedor, que ocupa uma área de 126 hectares, é uma unidade de proteção integral de reposição de aquíferos. Sua existência, no meio da cidade, garante o abastecimento de importantes lençóis freáticos, localizados no subsolo.

“É nessas áreas degradadas que o projeto de construção do Parque Estadual do Rangedor está focado. São Luís, em seus 405 anos, ganha mais um espaço destinado à preservação ambiental, bem-estar e lazer”, acrescentou Marcelo Coelho.

OBRAS DO PARQUE JÁ FORAM INICIADAS

A obra de construção do Parque Estadual do Rangedor já foram iniciadas e têm previsão de conclusão para junho de 2018. Vão sofrer intervenção áreas da unidade que já foram degradadas.





A área contará com três porções de acesso, sendo dois destes destinados à manutenção e uma entrada principal, que ficará aberta ao público, localizada na Avenida Eduardo Magalhães.

“Haverá uma via de caminhada e de ciclismo que ficará ao redor do parque. A obra seguirá o molde do Itapiracó e da Praça da Lagoa, com diversas trilhas na mata. Nosso objetivo é diminuir a degradação da área. O espaço, além de ser aproveitado, será recuperado,” frisou Marcelo Coelho.

ATUAÇÃO DA ASSEMBLEIA FOI FUNDAMENTAL NA PRESERVAÇÃO DO SÍTIO DO RANGEDOR

O deputado Othelino Neto (PC do B), à época secretário de Estado do Meio Ambiente, disse que a criação da Estação Ecológica Sítio do Rangedor, em 2005, no governo de José Reinaldo Tavares, atendeu a pedidos de ambientalistas, organizações não governamentais (ONGs) e universidades.

“Eles fizeram apelo para que o governo preservasse essa área, que é de fundamental importância para o equilíbrio ecológico da Grande Ilha de São Luís”, esclareceu.

Luzenice Macedo, assessora legislativa de Meio Ambiente do Legislativo, explicou que a construção da Assembleia na área do Sítio do Rangedor contribuiu para conscientizar a sociedade quanto à importância de preservar essa área, ao contrário do que pensa muita gente pensa, de que a Assembleia agrediu uma

área de proteção ambiental.

“Em 2003, quando foi iniciada a obra da nova sede da Assembleia, ainda não havia sido criada a Estação Ecológica Sítio do Rangedor. Isto só aconteceu em 2005. Com a instalação da Assembleia aqui, a área passou a ter o tratamento que merece como sendo uma unidade de conservação e passou a ser mais valorizada como reserva ambiental”, salientou.

De acordo com Luzenice, a área do Parque Estadual do Rangedor,

sem uso, sofre um conjunto de pressão que podem degradá-la. *“Por isso que é importante utilizá-la de forma adequada e respeitando seu plano de manejo. É muito importante que a sociedade se conscientize de sua importância para o equilíbrio ecológico da Ilha,”*

observou.

O Diretor-Geral da Assembleia, Carlos Alberto Martins, também defende que a construção da sede da Assembleia, no Sítio do Rangedor, foi uma iniciativa que contribuiu muito para o processo de conscientização da preservação dessa área.



“O projeto de construção da Assembleia foi todo concebido com o foco na preservação ambiental da área com a construção, por exemplo, de uma estação de tratamento de esgoto própria. Toda a água que a Assembleia consome é reaproveitada, para o manejo dos jardins, e o sistema de detização é biológico”

Luzenice Macedo
Assessora Legislativa de Meio
Ambiente da ALEMA.





É DIA DE FEIRA!

Todos os domingos, a Praça Benedito Leite recebe a Feirinha São Luís, que reúne gastronomia, produtos agroecológicos, artesanato e música em um só lugar.

Andressa Valadares | Fotos: Kristiano Simas

Agora, todo domingo é assim. A Praça Benedito Leite fica lotada de gente de todas as partes prestigiando a Feirinha São Luís, que já é sucesso na capital maranhense. O evento reúne produtos agroecológicos, exposição e comercialização de artesanato, artes plásticas e literárias, gastronomia e apresentações culturais

locais em um só lugar.

A feirinha começa bem cedinho, às 7h, e vai até à tarde, às 15h. Por lá, o visitante encontra de tudo um pouco. As diversas barracas espalhadas pela Praça Benedito Leite trazem artesanato, hortaliças, frutas e verduras advindas da produção familiar local, comidas típicas, lanches, bebidas e iguarias que são a cara do Maranhão, como a juçara e o beiju.

A primeira edição

aconteceu em junho deste ano e, a partir daí, tornou-se permanente. A população maranhense aprovou a ideia. *“É um ambiente em que podemos trazer a família, ver os produtos naturais e locais. É bom a Prefeitura sempre incentivar esses tipos de locais,”* declarou o engenheiro civil Jaldo Abreu.

Para os turistas, o evento une o útil ao agradável: conhecem o Centro Histórico da capital e ain-



da aproveitam para fazer compras. Além de revitalizar a Praça Benedito Leite aos domingos, a feirinha também ajuda na renda dos comerciantes locais.

É o caso do vendedor Regivan Silva, que está lucrando com a venda de beijos recheados. *“A feira atrai não só a população maranhense, mas os próprios turistas, que quando chegam a São Luís já procuram logo a Feirinha São Luís. Virou um sucesso total,”* afirmou.

Em um palco montado junto às barracas, artistas locais e atrações culturais, como grupos de bumba-boi, tambor de crioula, entre outras manifestações, garantem a animação da Feirinha São Luís, proporcionando um ambiente agradável e de lazer para toda a família.

O projeto é uma iniciativa da Prefeitura de São Luís, por meio da Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (Semapa).





SINFONIA AO POR DO SOL

*Música em frente ao Palácio dos
Leões encanta o público
nos fins de tarde das
sextas-feiras*



Jéssica Barros

Fotos: JR Lisboa

Já pensou poder apreciar o por do sol embalado por uma boa música?

Todas os fins de tarde das sextas-feiras agora são assim, na Praça Dom Pedro II, em frente ao Palácio dos

Leões, no Centro Histórico de São Luís. Músicos maranhenses apresentam seus repertórios recheados de MPB, Bossa Nova e Chorinho. Cada semana uma atração.

Gente de todas as partes e idades, turistas ou não, têm ido ao local que agora não é só mais um

cartão-postal, virou também um ponto de encontro de amigos e familiares, principalmente para os que gostam de apreciar a despedida do sol.

Pessoas reunidas, por do sol e música em um só lugar! Tem atrativo melhor?

Só que mais do que apreciar, os visitantes gostam mesmo é de registrar. E o melhor momento para as fotos, sem dúvida, é o horário das 17h30, quando a estrela maior se põe, deixando o céu e o mar num mesmo tom, uma cena deslumbrante de se ver.



INICIATIVA

O projeto faz parte do programa 'Mais Cultura e Turismo', realizado pelo Governo do Maranhão, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e Turismo (Sectur).

"Os turistas e os próprios ludovi-

censes vêm muito aqui ao por do sol, então, resolvemos oferecer mais esse atrativo para que as pessoas venham com mais intensidade. É um presente à população que já contempla o local", explica Ana Carolina Vieira, diretora do Museu do Palácio dos Leões.

"O lugar já é bonito, com essa vista do pôr do sol fica mais ainda e a música acalma. Venho sempre apreciar". Christine Neiva
Médica

"Ver o pôr do sol ouvindo música traz uma paz. Eu vinha de vez em quando, agora venho sempre!", afirma Fernando Campelo.
Servidor Público.

"É uma iniciativa plausível trazer música no final da tarde pra gente ouvir enquanto o sol se vai".
Herlane Campelo
Aposentada

ALCÂNTARA E SUA DIVINA FESTA

*Cidade histórica localizada no litoral ocidental
maranhense guarda um dos maiores tesouros culturais
do estado: a festa do Divino Espírito Santo.*



Ao andar pelas ruas de Alcântara tem-se a sensação de que entramos em uma máquina do tempo e num piscar de olhos estamos de volta ao passado. A cidade de pedra e suas ruínas, as ruas tranquilas, casarões coloniais e praias desertas.

A vida simples das pessoas, o jogo de dominó no meio da manhã, os vendedores de peixes. Das janelas olhares vazios parecem estar em uma espera infinita. Tudo isso forma um cenário mágico que mexe com o nosso imaginário.

Alcântara fica no litoral ocidental maranhense e guarda um dos maiores tesouros culturais do estado: a festa do Divino Espírito Santo.

Nos dias quentes do mês de maio, a cidade acostumada à tranquili-

dade se transforma para a festa que reúne o passado pomposo do império brasileiro, o sagrado e o profano. As ruas viram palco para desfile de imperador, imperatriz, mordomos-régios e toda uma corte imaginária.

A festa do Divino chegou há bastante tempo por aqui. Mas tanto tempo, mesmo, que um dos mais antigos organizadores do evento nem sabe precisar quantos anos ela é realizada. Moacir Brito, ou simplesmente seu Moacir, começou a participar aos 19 anos, agora, próximo aos 90 anos, conduz com pulso firme todo o ritual da festa. Assim, mantém quase intacta uma tradição secular.

“Se eu falar em 100, 200 anos estaria mentindo, porque não sei mesmo. Mas falam que a princesa Izabel ao libertar os escravos fez uma promessa e doou uma coroa ao Brasil,

a festa já existia e a história da coroa foi incorporada no ritual”, lembrou seu Moacir.

Em Alcântara é comum se ouvir dizer que o festejo quem faz é a comunidade. Mas é uma festa luxuosa e cara. E toda grandeza exige sacrifícios. Para os envolvidos são 12 dias praticamente sem dormir.

Mas como falar em cansaço quando se faz algo com o coração ou para cumprir promessa? É o caso de Maria Oliveira, ela teve vários problemas de saúde e fez promessa para “Santa Croa”, como é chamado o Divino entre os moradores de Alcântara. Em 2016 ele foi a mordoma-régia *“Passei por muitos problemas de saúde, tive depressão, labirintite e fiz a festa como mordoma-régia por promessa. Melhorei e fiz a festa”,* recorda.



Início do ritual

A celebração tem início com o levantamento do mastro. Uma imensa árvore que é cortada nos arredores da cidade e carregada por uma multidão pelas ruas. E segue por todas as noites com a visita dos mordomos ao império e o tradicional toque das caixeiras, que são as responsáveis por abrirem a comunicação entre o terreno e o divino.

O último dia da festa coincide com a data de Pentecostes, por isso todos vestem vermelho. Uma lembrança de que o Espírito Santo desceu como um vento forte e línguas de fogo. Mas durante o período da festa várias atividades são realizadas. Uma delas é a subida dos bois. Cada festeiro doa um boi para festa. Eles fazem um desfile pelas ruas e depois serão abatidos e a carne distribuída a pessoas carentes. Esta é uma das características da festa: a partilha.

Outro detalhe é que em Alcântara, o lado religioso da festa está relacionado com o ritual católico. Diferente, por exemplo, de São Luís, onde a celebração está mais ligada aos cultos afros.





SABOR DIVINO DO DOCE DE ESPÉCIE

Nas mãos de pessoas simples, um trabalho que parece alquimia de sabores resulta em um emaranhado de delícias e doçuras. Este é o doce de espécie, herança portuguesa que virou um dos símbolos da cidade de Alcântara. Durante a Festa do Divino o doce de espécie é muito

consumido nos rituais festivos e para manter a tradição da festa e dar conta de tanta gostosura é preciso de uma espécie de linha de montagem. O doce é feito de uma mistura de trigo com coco e açúcar. É tão gostoso que virou fonte de renda para os comerciantes locais.

OS PERSONAGENS DA FESTA

Quem comanda a festa é a Imperatriz ou o Imperador. É um ano para cada. Abaixo vem o mordomo-régio. Em seguida os mordomos-baixos. A Imperatriz tem duas aias, um vassalo e um mestre-sala. Além disso, possui um grupo de caixeiras e seus próprios músicos de sopro. Os mordomos possuem mestre-sala e também sua própria banda. Agora vem um detalhe. Os cargos são ocupados por adultos, mas representados por crianças e adolescentes.

Falam que a princesa Izabel ao libertar os escravos fez uma promessa e doou uma coroa ao Brasil. A festa já existia e a história da coroa foi incorporada ao ritual.

Moacir Brito
Organizador da festa do Divino



DEVOÇÃO EM VARGEM GRANDE

Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulunduns, o santo dos vaqueiros, arrasta multidão na BR-222

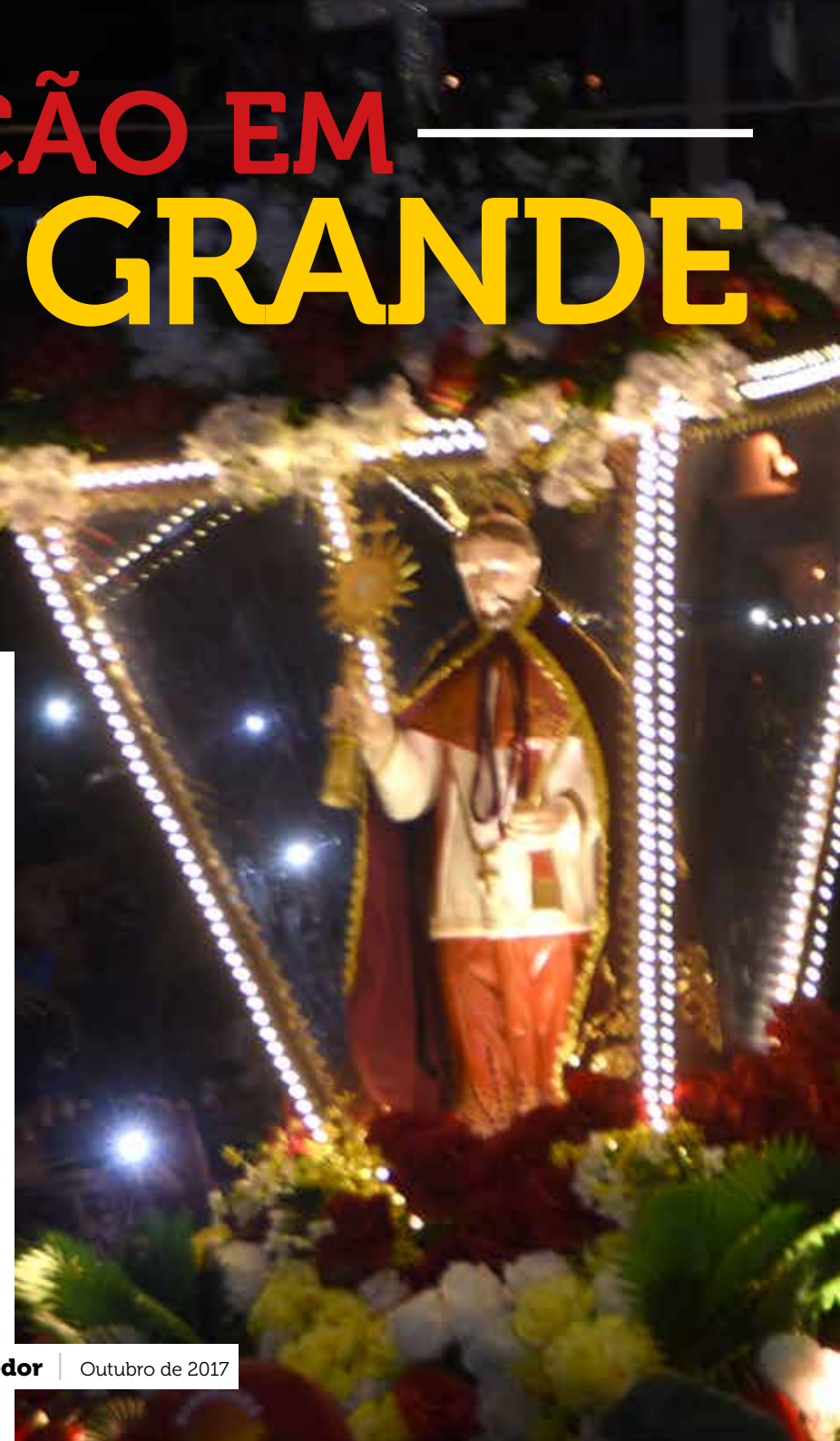
Jacqueline Heluy | Fotos: Márcio Diniz

Se a fé move montanhas, para os fervorosos devotos de São Raimundo Nonato dos Mulundus, a força milagrosa do padroeiro dos vaqueiros e lavradores do Maranhão tem o poder de restabelecer a saúde dos enfermos e conceder graças aos necessitados.

E é esta fé inabalável que faz com que todos os anos, no mês de agosto, milhares de romeiros

do Maranhão e de outros estados do Nordeste percorram a pé mais de sete quilômetros da BR-222, entre a igreja do povoado Paulica, até a igreja de São Sebastião, no município de Vargem Grande, a 172 Km de São Luís (MA).

Rostos queimados de sol, calor, sede e muito cansaço. Muitos romeiros caminham descalços no asfalto quente da rodovia para pagar ao santo a graça alcançada.



Este ano, Maria Silvana acompanhou o andor levado pela multidão, equilibrando um prato com seis velas acesas na cabeça.

Ela quitou com o santo a promessa feita por sua mãe, quando ela ainda era criança, e foi acometida por uma doença grave. Maria disse que ficou curada por intercessão do padroeiro.

Nani Maria Lurdes seguiu por todo o caminho com uma pedra de médio porte sobre a cabeça. O sacrifício foi a forma de agradecer ao santo por tê-la livrado das dores e infecções causados por pedras nos rins.

E todos os anos é assim. Centenas de romeiros, cada um com sua história de vida e com o coração repleto de agradecimento e devoção ao santo pela graça recebida.



A ORIGEM DO SANTO

Os moradores de Vargem Grande não sabem exatamente como teve início a devoção a São Raimundo Nonato dos Mulundus. A história é um tanto controversa. Tudo teria começado após a morte do vaqueiro Raimundo Nonato Soares Cangaçu, que nunca teve a sua santidade reconhecida pela Igreja Católica.

Contam os historiadores que, em 1886, Raimundo Nonato caçava junto com outros vaqueiros e sumiu na mata. Dois dias depois, foi encontrado morto no povoado Mulundus, em Vargem Grande. O corpo estava conservado e exalava perfume.

Os moradores do povoado entenderam que ele teria virado um santo. Não houve enterro. Dias depois o corpo sumiu e se tornou um mistério.

Historiadores relatam que padres da região teriam levado o corpo do vaqueiro para Roma. Começaram a surgir as histórias de milagres atribuídos a Raimundo Nonato.

No local em que o corpo de Raimundo foi encontrado, foi erguida uma capela de palha, de-

pois transformada no santuário de São Raimundo dos Mulundus, hoje está em ruínas.

Até 1908, os padres celebravam missa no santuário de Mulundus. Em 1930, o arcebispo de São Luís teria proibido o festejo, alegando ser profano. O povo manteve a devoção, sem padre e sem missa.

Em 1954, o arcebispo dom José Delgado teria mudado o santuário de Mulundus para Vargem Grande, dando o nome de Santuário de São Raimundo Nonato, só que o homenageado não era o vaqueiro, mas sim um santo espanhol, cuja imagem foi trazida da Espanha pela proprietária das terras na qual o santuário foi erguido.

Se a história é verídica ninguém sabe. A única certeza é que a devoção a São Raimundo Nonato dos Mulundus, o vaqueiro, existe e é muito forte. Já atravessou as fronteiras do Maranhão e transformou a Romaria de Vargem Grande em uma das festas religiosas mais prestigiadas do Nordeste.



Vai um abacaxi de Turiaçu aí, moço?

A doçura transformou a fruta mais badalada do nosso estado em Bem Cultural do Maranhão e Bem Imaterial do Brasil

Jéssica Barros

Fotos: Kristiano Simas

Provavelmente você já parou em uma dessas esquinas de São Luís para comprar o famoso Abacaxi de Turiaçu. Mas será que sabe de onde ele vem e como é produzido? O sabor é tão único e marcante que a fruta foi elevada à condição de Bem Cultural do Maranhão e Bem Imaterial do Brasil, através de um projeto de lei apresentado pelo deputado Josimar de Maranhãozinho (PRB).

Quem passa rapidamente por São Domingos do Maranhão, localizado a 386 quilômetros de São Luís, não imagina que é ali naquela cidade que está

concentrada a maior produção de abacaxi de todo o estado. O solo propício e o clima quente na maior parte do ano favorecem a produção.

Um acompanhamento técnico feito pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) aos produtores da região tem ajudado com os resultados surpreendentes. De acordo com o supervisor técnico, Rozalino Aguiar, São Domingos do Maranhão insere o estado no mapa do abacaxicultura do Brasil. *“É a 13ª cidade do país que mais produz o fruto, a 4ª do Nordeste e está em primeiro lugar a nível estadual”,* explica.

Só em 2015 foram 40 milhões de frutos produzidos. Em 2017, apesar da crise financeira do país e de alguns em-





pecilhos climáticos, a safra ainda alcançou 20 milhões, que estão sendo distribuídos para os estados do Piauí, Ceará, Bahia, São Paulo e Santa Catarina.

“Tivemos uma queda significativa na nossa produção, por conta dos quatro anos de seca constante, mas, ainda assim, continuamos sendo os maiores produtores do Maranhão”, garante Astolfo Seabra, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de São Domingos.

É a 13^a cidade do país que mais produz o fruto, a 4^a do Nordeste e está em primeiro lugar a nível estadual

A fruta com esse sabor não se encontra em outro Estado. É uma exclusividade e que, portanto, merece ser reconhecida pelo sucesso que faz

FRUTA É EXPORTADA PARA O PARÁ

Desses milhões de abacaxis, existem dois tipos de variedades produzidas: Pérola e Turiaçu. A diferença está nas plantas e na cor do fruto e é bem fácil de ser reconhecida. A Pérola, por exemplo, tem as folhas maiores, mais largas, mais verdes, o tronco mais fino, miolo branco e ainda é a maior variedade presente nos hectares de São Domingos.

Considerados menos ácido e mais doce, os da variação Turiaçu começaram a ganhar mais espaços nas plantações de São Domingos pela aceitação





no mercado já conquistada pelo município de Turiaçu há 80 anos. O fruto, produzido por 11 povoados e que é facilmente reconhecido pelo sabor diferenciado e pelo miolo mais amarelado, tem São Luís como o principal local de comercialização, mas também chega outras cidades do estado e, agora, em Belém do Pará.

A explicação para o sabor tão doce está no solo, que tem a combinação de vários fatores importantes: a genética, a riqueza em potássio e magnésio, além da boa adaptação do local que propicia a maturação dos frutos.

A fama do Abacaxi de Turiaçu e de São Domingos do Maranhão ultrapassou o estado e hoje corre o país inteiro. Tem sabor inconfundível e é motivo de orgulho para os maranhenses.

LEI RECONHECE BEM CULTURAL

Tanto os produtores de Turiaçu como os de São Domingos do Maranhão, dois maiores produtores de abacaxi do estado, querem mais incentivos governamentais para aumentar a produção da fruta.

E, em 2016, a Assembleia Legislativa do Mara-

nhão deu um reforço para a cadeia produtiva do abacaxi. Uma Lei de autoria do ex-deputado Hélio Soares e que foi desarquivada pelo deputado Josimar de Maranhãozinho (PRB) classificou o Abacaxi de Turiaçu como Bem Cultural do Maranhão e Bem Imaterial do Brasil, uma forma de reconhecer a importância da fruta produzida não só em Turiaçu, mas em toda a região.

“A fruta com esse sabor não se encontra em outro Estado. É uma exclusividade e que, portanto, merece ser reconhecida pelo sucesso que faz,” afirma Maranhãozinho.



RECEITA

O abacaxi pode ser consumido de várias formas, uma delas é na culinária. A Deugla Carvalho, dona de um restaurante em São Domingos do Maranhão, criou um prato especial com a fruta:



Prato à moda da casa (serve quatro pessoas)

Ingredientes: 400 gramas de filé bovino, um abacaxi, dois tomates e duas cebolas

Preparo: Corte o abacaxi ao meio na horizontal e retire a polpa, que deverá ser refogada junto com a cebola e o tomate em um frigideira. Depois, acrescente a carne e continue refogando. Coloque uma pitada de sal e outra de alho à gosto. Mexa até que esteja bem passado. Em seguida, é só colocar a mistura dentro das “cuias” do abacaxi que foi cortado e servir.

COLHEITA

A colheita das plantações começa logo nas primeiras horas da manhã. De balaio na cabeça, os trabalhadores iniciam a coleta dos frutos: enquanto um mantém o balaio equilibrado na cabeça, outro tira os frutos dos pés. A vestimenta reforçada é para impedir que os lavradores saiam arranhados da plantação.





NÚMEROS

São Domingos do Maranhão é o maior produtor de abacaxi do estado, o 4º do Nordeste e o 13º do Brasil. Já chegou a produzir 40 milhões de frutos em uma de suas safras, chegou a ser distribuído país a fora e mantém comercialização para os estados do Piauí, Ceará, Bahia, São Paulo e Santa Catarina.

Fé e tradi

em louvor ao padroeiro



Ção



Festejo de **São José de Ribamar** reúne milhares de romeiros todos os anos, consolidando a devoção ao santo

Glaucione Pedrozo

Fotos: Kristiano Simas

Durante toda uma madrugada, mais de 30 quilômetros percorridos. Gente de todas as idades e raças, unidos por uma só motivação: a Fé. Da parábola de Jesus Cristo, a Fé que move montanhas é a mesma que fez Rita de Cássia percorrer toda a extensão do percurso da tradicional Romaria de São José de Ribamar para agradecer uma graça alcançada. A partir de então, a mesma mulher que levanta todos os dias às 4h para deixar as coisas ar-

rumadas e ir trabalhar em um restaurante, conseguiu conquistar o sonho da casa própria, com a ajuda, segundo dela, de São José de Ribamar.

Com passos rápidos segurando uma casa feita de isopor simbolizando a graça alcançada, sorriso no rosto e oração afiada nos lábios, a servente de restaurante contou que essa não era a primeira vez que o santo lhe tinha sido fiel.

"Eu já vim há um ano pagando promessa do meu ex-marido, uma dor que ele sentia. Agora eu pedi uma benção que ele me desse uma casa e ele já me deu, falta só eu me mudar.

É um Santo certo. A pessoa tem que pedir com Fé. Ele é um santo cheio de milagres. Minha filha sentia uma dor de cabeça e veio pagar. Já tinha andado pelos médicos e não passava a crise, então eu pedi para ele. Ela não sentiu mais dor de cabeça”, relatou.

Quem percorreu o mesmo caminho, mas acompanhado da sua filha e esposa, foi o autônomo George Fontenele Santos. Ele contou que a sua fé pelo Santo lhe salvou a vida durante uma cirurgia. “Em 2004 eu operei de tireoide, uma cirurgia muito complicada, não tive um resultado muito bom. Eu já era devoto de São José de Ribamar, eu pedi a benção, que ele me desse uma cura e deu tudo certo. Desde 2004 eu acompanho. Com a minha filha já é o terceiro ano que eu venho”, relatou.

George conta também que a sua filha, Itiely Ruffy, de apenas 3 anos de idade, já

percorre o mesmo caminho da fé de seu pai, não perdendo um ano de Romaria. “Ela aguenta firme, ela não dorme, esperando o momento de olhar São José. Ela é devota de São José desde quando nasceu”, afirmou o pai orgulhoso.

FÉ SEM IDADE

Já sem o mesmo vigor físico de Rita de Cássia e George, e tampouco a tenra idade de Itiely, mas com uma fé e devoção que lhe fizeram sair de Natal para morar em São Luís, próxima à Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a aposentada Josefa Gomes

Galvão, de 78 anos, também acompanha com muita determinação todo o percurso da caminhada cristã.

“Eu sou da Carismática e o pessoal me convidou. Aí sempre venho. A Carismática me ajudou muito a melhorar minhas forças. Estou caminhando sem parar desde a Cohab”, disse Josefa, que começou o percurso sozinha e fez amizades ao longo da Romaria, que segundo ela, ficarão para o resto da vida.

Assim como Rita de Cássia, George e Josefa, milhares de pessoas, oficialmente há quase 18 anos, repetem todos os anos a peregrinação como forma de agradecimento e penitência. Segundo estimativas da própria paróquia, anualmente, mais de 300 mil pessoas prestigiam o festejo.



FESTEJO JÁ É TRADIÇÃO

Apesar de a tradicional Romaria estar próximo, em calendário oficial da paróquia, de sua maioria, as homenagens a São José de Ribamar iniciaram ainda no século XVII, quando registra-se a fundação da cidade.

O pesquisador Antônio Miranda relata que quando os primeiros padres chegaram à cidade de São José de Ribamar, por volta de 1618, já encontraram imagens da Sagrada Família recebendo homenagens dos índios que viviam no lugar. O pesquisador afirmou também que o primeiro registro de uma grande romaria só surgiu em 1821.

Relatos da paróquia do Santuário de São José de Ribamar dão conta que, no ano de 2001, as imagens de São José de Ribamar foram levadas para São Luís, a fim de passar por restaurações. Nesta

oportunidade, a comunidade ribamarense, unida aos romeiros e peregrinos, realizou a primeira grande romaria, que mais tarde receberia o nome de "Caminho de São José de Ribamar".

O reitor do Santuário de São José de Ribamar, Padre Cláudio Roberto, destacou o caráter familiar da festa cristã, sobretudo quanto ao modelo de família exemplificado pelo santo homenageado. *"É também da Sagrada Família, a família perfeita, como deve ser a família humana; sempre rodeada de amor, paz e comunhão,"* disse.

O pároco também ressaltou a importância econômica, turística e cultural de todo o festejo, que une celebrações e romaria e movimentou a economia do município, atraindo milhares de fiéis pelo turismo religioso.





É DIA DE FESTA NA ALDEIA GUAJAJARA

Ritual da Menina-Moça ou Festa do Moqueado mantém viva a tradição secular indígena no Maranhão

Jacqueline Heluy

Fotos: Márcio Diniz

Quatro horas da tarde na aldeia indígena Lagoa Quieta, município de Amarante, a 602 km de São Luís. O sol a pino lança seus raios sobre as copas das árvores que circundam um conglomerado de 20 casas de taipa cobertas de palha. No meio da aldeia há uma espécie de oca, na qual estão confinadas seis meninas índias, entre 11 e 12 anos.

Na oca, chamada de 'tamuió', não há janelas, apenas uma pequena porta, por onde só podem passar as índias mais velhas. Também não existem utensílios

domésticos, somente redes armadas nos caibros de juçareiras.

As indiazinhas se mantêm o tempo todo em círculo e de cabeça baixa, como se estivessem em permanente estado de meditação.

Perto dali, em outro ponto da aldeia, cânticos em idioma tupi-guarani começam a ser entoados apenas por vozes masculinas.

Assim começa a Festa do Moqueado na aldeia Lagoa Quieta, também chamada de 'Ritual da Menina-Moça'. A tradição secular vem sendo preservada pela nação indígena Guajajara, uma das maiores do Brasil. A maior parte dos guajaja-

ras habita a reserva Arari-boia, no Maranhão, inserida nos municípios de Grajaú, Amarante e Santa Luzia,

O Ritual da Menina-Moça é realizado pelos guajajara, todos os anos, no mês de setembro. A festa na aldeia Lagoa Quieta reúne cerca de 200 visitantes, entre antropólogos, servidores da Funai, religiosos e também índios de outra etnia, a exemplo dos Karipuna, do estado de Roraima.

TRADIÇÃO SECULAR

O Ritual da Menina Moça, também chamado de Festa do Moqueado, acontece quando a menina índia tem a primeira menstruação. Simboliza a transição

entre a infância e a chegada à vida adulta. Após ser submetida ao ritual, a garota está apta a namorar, casar, gerar filhos e executar todas as atividades das mulheres adultas da tribo.

O 'tamuió', na crença indígena, simboliza o casulo onde a borboleta (menina-moça) permanece até completar a sua formação para a vida adulta. Após a primeira menstruação, as meninas-índias são confinadas nesta oca, na qual só é permitida a entrada das avós, mães, tias e irmãs mais velhas para os aconselhamentos e o preparo para o ritual que as transformará em mulheres.



No interior do tamuío, a índia Maria Santana Guajajara, considerada a matriarca da aldeia Lagoa Quieta, prepara a neta Rebeca para o ritual. “Essa festa é muito importante para as nossas meninas porque elas vão receber a proteção dos espíritos dos nossos ancestrais. Eles vão protegê-las de todo o mal”, explica.



Durante o ritual as meninas trocam as vestes duas vezes, ajudadas pelas mães, tias e avós. No início usam uma saia longa na cor vermelha. Os seios, braços e costas ficam desnudos e são pintados com uma tinta azul escura feita do sumo do jenipapo, fruta nativa.

Uma espécie de véu cobre parte do rosto das garotas, que exibem no pescoço adornos de miçangas coloridas e sobre os ombros penas de cor branca.



Antes do término da festa, já ao amanhecer, as meninas precisam retornar ao ‘tamuío’ para trocar a saia vermelha por outra na cor branca. As penas brancas que foram coladas no seu corpo e nos adereços serão trocadas por outras na cor amarela, que simboliza o sol.

SAUDADAS COM CÂNTICOS E DANÇA

Durante a festa, os pais, avós e tios cantam e dançam em círculo, anunciando que é hora de as meninas-moças deixarem o confinamento para participar da festa.

Sempre em silêncio e de cabeça baixa, as indíazinhas saem do ‘tamuío’ protegidas pelas mães e avós, que também entoam cânticos, e seguem ao encontro dos pais, avós e tios. Um círculo se forma em volta das garotas em uma dança que simboliza o abraço, o afago e a proteção dos ancestrais. Toda a tribo dança. Os visitantes também acompanham a coreografia dos guajajaras.

Dança e música se prolongaram por toda a noite até o amanhecer. Os cânticos em tupi-guarani falam de animais e dos personagens da natureza, como sol, lua, estrelas, rios e matas.

Durante a festa é servida uma bebida à base de mandioca que mantém a tribo inteira acordada, cantando e dançando sem parar.

É HORA DE SERVIR O MOQUEADO

Quando o barulho dos fogos de artifício se mistura aos cânticos, é sinal de que o dia já amanheceu e o ritual está chegando ao fim. É nessa hora que começa a ser servido o banquete que dá origem à Festa do Moqueado.

O moqueado também tem toda uma simbologia na tradição do povo guajajara. Significa a fartura de alimentos e também a partilha entre todos os habitantes da aldeia.

Os preparativos começam cerca de dois meses antes do Ritual da Menina Moça. Primeiro decidem a data da festa, em seguida os homens da tribo se embrenham na mata para caçar a comida que será servida no banquete.

Todo o tipo de caça é permitido - macacos, pacas, cotias, veados e não pode faltar o alimento mais importante da festa: a tona ou nambu, um pássaro nativo da região.

A carne da tona tem um valor maior para os índios porque é usada durante o ritual para garantir proteção espiritual às meninas-moças. Partes da ave defumada são passadas

nas axilas, tornozelos e pulsos das garotas. Se nenhuma tona fosse caçada, não haveria como realizar a festa.

Os homens da tribo permanecem por cerca de um mês dentro da mata à procura das caças. Quando retornam à aldeia, os animais abatidos têm os seus corpos salgados inteiros, dos pés à cabeça. Depois são colocados para defumar sobre um jirau com brasa, permanecendo neste processo de defumação por cerca de 30 dias.

Um dia antes do ritual, toda a carne da caça, já totalmente ressecada, é cortada e colocada em grandes panelas, onde permanece fervendo até o amanhecer. Pela manhã, o moqueado é levado para o terreiro e compartilhado com todos habitantes da aldeia e visitantes.

A cabeça, miolos e olhos dos macacos são os pedaços mais disputados pela comunidade indígena de Lagoa Quieta. Ao visitante não é permitido rejeitar o moqueado quando lhe é oferecido por algum nativo, ato considerado grande desfeita pelos índios.



TRADIÇÃO AMEAÇADA

Os guajajaras, também conhecidos como teneteharas, são um dos povos indígenas mais numerosos atualmente no Brasil. Habitam onze terras indígenas situadas no Maranhão. No censo de 2010, sua população era de 23.949 pessoas.

Conforme dados parciais do Relatório Violência Contra os Povos Indígenas, de autoria do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em 2016, pelo menos 12 índios foram assassinados no Maranhão, dos quais seis guajajaras mortos nos meses de novembro e dezembro. Outros cinco da Terra Indígena Arariboia foram assassinados entre março e agosto.

Violências contra o patrimônio - invasões possessórias, exploração ilegal de recursos naturais e demais atentados somaram 14 denúncias vindas de terras indígenas de todo o estado no ano de 2016. Na TI Arariboia, cerca de 70% do território queimou nos incêndios de 2015 e 2016.

O TOQUE DO TAMBOR NA TERRA DO TEREÇÔ

Com 400 terreiros, a cidade de Codó já é considerada a meca brasileira do terecô



Com quase 120 mil habitantes, Codó possui características próprias de municípios de médio porte do Maranhão. Um centro comercial movimentado, vendedores ambulantes espalhados pelas calçadas e motos por todos os lados. Mas é durante a noite que a cidade, localizada a 300 km de São Luís, mostra toda a força de sua religiosidade de matriz afro-brasileira. Esta peculiaridade já rendeu a Codó o título de 'capital nacional do terecô'.

Quem chega a Codó não deixa de se impressionar com o sincretismo religioso. A cidade tem três padroeiros - Santa Filomena, São Sebastião e Santa Rita. Isso faz com que em uma mesma rua convivam em harmonia uma igreja católica, um terreiro de umbanda e uma igreja evangélica.

Proporcionalmente ao número de habitantes,

Codó é a cidade brasileira com a maior quantidade de terreiros de terecô por metro quadrado. São cerca de 400, segundo dados da Federação Maranhense de Umbanda.

A concentração de terreiros é tão grande que, em apenas uma só rua da

cidade, podem ser encontrados cinco ou mais tendas de terecô. Em Codó, pais e mães de santos são chamados de terecozeiros, representantes legítimos do terecô da mata codoense, e não umbandistas, denominação mais comum em outros estados do Brasil.

SOB A PROTEÇÃO DE BITA DO BARÃO

Mas não tem como falar em Codó sem falar do seu filho mais ilustre. Wilson Nonato de Sousa, o Mestre Bitá do Barão, atualmente é uma das personalidades mais conhecidas da umbanda no país.



A Tenda Espírita de Umbanda Rainha Iemanjá, de Bitá do Barão, ocupa um quarteirão inteiro de uma das principais ruas de Codó, e tornou-se ponto turístico da cidade. Quem chega à cidade tem agenda marcada com Bitá, seja apenas por curiosidade ou mesmo para uma consulta. Com toda a simpatia de um bom anfitrião, o 'Mestre' está sempre disposto a mostrar aos visitantes quase tudo do seu reinado na umbanda.

Bitá do Barão sempre carrega na mão um chocalho, que é uma espécie de amuleto e atribui todo seu sucesso a honestidade com que desenvolve o seu trabalho.

É em dia de festa que o terreiro de Bitá do Barão se ilumina e mostra toda a beleza do culto afro. Pais, mães e filhos de santo, em trajes de gala, adentram o salão, acompanhados dos seus guias de cabeça. O mestre Bitá do Barão vem na frente do cortejo, conduzindo todos para o centro. Pais e filhos de santo mostram suas danças e rituais que hipnotizam quem assiste.

São quase 100 anos de vida dedicada ao terecô. A idade de Bitá do Barão, assim como ele próprio, já se tornou uma lenda em Codó e se espalha pelo Brasil. O Mestre afirma que tem 106 anos, porque esta seria a idade do seu guia espiritual, o Barão de Guará. A idade cronológica dele mesmo é 85 anos.

LUXO E VAIDADE NO REINADO DE MARIA PADILHA

Em Codó, outros pais-de-santo seguem os passos de Mestre Bitá do Barão e já se consolidam no reinado do terecô. Pedro de Oxum é um deles. Descendente de escravos, ele realiza os trabalhos determinados por seus guias Chica Baiana e Maria Padilha. Chica Baiana é o guia de croa, ou seja, a dona do espaço é Maria Padilha.

No altar central do terreiro de Pai Pedro está a imagem de Pai Oxalá que, segundo ele, é a representação de Jesus Cristo na umbanda. Pedro se diz 'filho de Oxum'







com Xangô e nasceu de uma família de médiuns, sendo recebido pelo avô que já era pai de santo.

O reinado de Maria Padilha, a entidade que incorpora em Pai Pedro em forma de mulher excêntrica e muito vaidosa, se concentra em um salão menor todo decorado em tons de vermelho.

É neste local que Pai Pedro realiza os trabalhos, a maioria relacionado a casamento, traições e namoros. Os que procuram o reinado de Maria Padilha, a maioria mulheres, acreditam na força da entidade, seja para fazer o bem ou para fazer o mal.

Outro terreiro muito famoso em Codó é o de Pai Domingueiro, um dos terezeiros mais antigos da cidade. Ele afirma que acompanhou toda a evolução do terecô em Codó, até chegar aos dias atuais em que todos os terreiros podem festejar livremente, tocar seus tambores, na certeza de que não terão que se esconder da polícia, nem ter medo do cipó de tamarindo.

EM CODÓ, CADA RELIGIÃO TEM O SEU LUGAR

Sob as bênçãos de santa Bárbara, a deusa dos raios, ventos e tempestades, ou simplesmente Iansã, a patrona do terecô, o culto afrorreligioso apresenta um emaranhado complexo para a interpretação de quem assiste. E essa interpretação é mesmo muito pessoal. Pode ser vista na polarização do bem contra o mal. Pai Pedro de Oxum faz uma advertência: o santo dá o que a pessoa pede.

Codó não é simplesmente a capital da umbanda e da magia negra. A cidade pode ser vista como o espaço mais sincrético, onde cada religião tem o seu lugar. Só que uma avançou mais que as outras, mas todas mantendo a liberdade de se expressar como bem quiser.

Enquanto isso Santa Bárbara ordena que os tambores rufem mais acelerados e como destaca Mestre Bitá do Barão: *“segredos são segredos, não devem ser revelados.”* E Codó tem seus segredos.



CAXIAS

DEVOÇÃO AO
SANTO MILAGREIRO





Fiéis disputam, todos os anos, as cascas do mastro de São Sebastião, que acreditam ser milagrosas

Jacqueline Heluy

FOTOS: Jacqueline Heluy

São 6 horas da manhã. Sob forte chuva, homens, mulheres, idosos e crianças entoam uma cantoria no meio da mata, seguida de aplausos e fogos de artifício. É o sinal de que a árvore ideal foi localizada. O passo seguinte é derrubá-la sem que sofra danos. O tronco alto e pesado é transportado dentro da mata, nos ombros de 20 homens, até a MA - 217, onde é retirada toda a casca para que este se transforme no "Mastro de São Sebastião".

O festejo de São Sebastião, em Caxias, é um dos mais tradicionais do Maranhão e arrasta multidão de devotos todos os

anos. A procissão é realizada no mês de janeiro e segue o mesmo ritual secular, em que a devoção se materializa na força e no suor dos devotos que carregam nos ombros o mastro do santo em um percurso de mais de 20 Km.

A primeira obrigação dos devotos do santo é encontrar a árvore que será transformada no mastro que será carregado até o largo da matriz de Caxias e lá permanecerá durante toda a festa. É para isso que centenas de pessoas se deslocam, logo ao amanhecer, para a Reserva do Inhamum, uma área de mais de três mil hectares, que abriga fauna e flora preservadas, às margens da MA-217, em Caxias.



Dentro da mata do Inhamum os romeiros vão escolher a árvore que preenche todos os requisitos exigidos para ser o 'Mastro' que comandará o ritual em homenagem a São Sebastião do ano em curso.

O mastro do santo precisa ter mais de 20 metros e ser resistente. Até mesmo o processo de retirada da casca da árvore faz parte do ritual religioso. Os devotos acreditam que a casca também é milagrosa e disputam cada pedacinho. Muitos usam para fazer chá que garantem curar doenças graves e ajuda a preservar a saúde daqueles que fazem uso contínuo.

Outros se ajoelham e oram, pedindo graças ou agradecendo milagres atribuídos ao santo. Os mais fanáticos sentam ou deitam sobre o mastro, enquanto está sendo descascado. Mulheres solteiras acreditam que fazendo este ritual o santo milagreiro vai arranjar para elas um bom casamento.

Cada pedacinho da casca da árvore é disputado pelos fervorosos devotos. Após o tronco ficar totalmente liso e na cor amarela, os romeiros seguem pela rodovia com o mastro no ombro, cantando, rezando e orando. Alguns le-

vam cartazes com a imagem de São Sebastião e exibem mostrando toda a sua devoção.

A procissão, que reúne centenas de pessoas, muitas vindas de outras cidades e até de outros estados, percorre as principais ruas da cidade de Caxias e é aplaudida por onde passa. O andor do santo vai na frente, seguido pelo mastro, carregado por dezenas de devotos.

Já vai finalizando a tarde quando a procissão chega à praça da matriz de Caxias e é aplaudida por centenas de pessoas que estão à espera do mastro. É neste exato momento que acontece o encerramento da procissão, quando o mastro é erguido com todo o cuidado até que esteja totalmente de pé, sendo aplaudido pelos devotos.

O mastro permanece erguido no largo da matriz até o final do festejo, perpetuando a tradição religiosa do povo caxiense e vencendo as intempéries do tempo. Uma demonstração do quanto a devoção a São Sebastião se mostra resistente, passando de geração a geração e impressionando até mesmo os incrédulos que não acreditam no santo milagreiro.

EXPEDIENTE

Publicação trimestral produzida pela Diretoria de Comunicação da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão

Diretor de Comunicação

Carlos Alberto Ferreira

Diretor-Adjunto de Comunicação

Luiz Pedro

Coordenação da Revista Rangedor

Carlos Alberto Ferreira
Jacqueline Heluy

Reportagem

Jacqueline Heluy
Andressa Valadares
Ribamar Santana
Glaucione Pedrosa | Jéssica Barros
Joelson Braga | Elda Borges

Fotografia

Márcio Diniz | Kristiano Simas
JR Lisboa

Edição gráfica

Kadja Nobel



Diretoria da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão

Gedema
Presidente: Cleide Barroso Coutinho

Diretoria Geral
Carlos Alberto Martins

Diretoria de Comunicação Social
Carlos Alberto Ferreira

Procuradoria Geral
Luís Felipe Rabelo Ribeiro

Diretoria Geral da Mesa
Bráulio Nunes de S. Martins

Diretoria Legislativa
Maneton A. de Macêdo

Diretoria Institucional
Rubens Pereira

Consultoria Legislativa
Aristides Lobão

Comissão Permanente de Licitação
Catarina Leal

Diretoria de Recursos Humanos
Eduardo Pinheiro Ribeiro

Diretoria de administração
Vinícius Leitão Machado

Auditoria Geral
Fernanda Guimarães

Diretoria de Planejamento, Orçamento e Finanças
Abimael Lincoln S. Cutrim

Diretoria de documentação e Registro
Ana Maria Granjeiro

Diretoria de Tecnologia da Informação
Antônio Azevedo Ferreira Neto

Diretoria de Desenvolvimento Social
Silvana Leal Silva

Diretoria de Assistência Médica Serv. Social
Josefa Equitéria G. Muniz

Cerimonial
Maria Aristélia R. Campos

Gabinete Militar
Coronel Marcos Antonio de Oliveira Pimentel

INFORMAÇÃO COM NEUTRALIDADE

VOCÊ VÊ, LÊ E OUVE AQUI

TV ASSEMBLEIA • RÁDIO ASSEMBLEIA • AGÊNCIA DE NOTÍCIAS • REDES SOCIAIS




24 HORAS NO AR, EM TODO LUGAR.

Você sempre conectado com o que acontece no seu mundo. Essa é a proposta dos canais e veículos da Assembleia. São matérias e programas feitos por quem é daqui e conhece como ninguém o nosso estado, a nossa cultura e a nossa realidade. É só você ligar a TV, o Rádio ou navegar em nosso site e nas redes sociais.

Estamos em todo lugar para você também estar.

 Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão


 TV e Rádio Assembleia Maranhão

 @al_maranhao

 @assembleialegma

 youtube.com/2012alema

 youtube.com/agenciaalema

 www.radioalema.com

 Rádio Senado (FM 96,9)

 www.al.ma.log.br

 Canal aberto Digital - 51.2

 TVN - 17



Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão